

**AS PERCEPÇÕES DOS DOCENTES SOBRE A AVALIAÇÃO DA
APRENDIZAGEM DE TRABALHADORES INDÍGENAS EM FORMAÇÃO**

**PERCEPTIONS ON THE ASSESSMENT OF LEARNING OF INDIGENOUS
WORKERS IN TRAINING**

**LAS PERCEPCIONES DE LOS DOCENTES SOBRE LA EVALUACIÓN DEL
APRENDIZAJE DE TRABAJADORES INDÍGENAS EN FORMACIÓN**

Salatiel da Rocha Gomes¹
Geycielle de Oliveira Batista²
Liliane Costa de Oliveira³

RESUMO:

Este artigo tem como principal objetivo analisar as percepções dos/as docentes que atuaram em uma formação específica para Agentes Indígenas de Saúde e Saneamento, os quais exercem suas funções em todos os Distritos Especiais de Saúde Indígena (DSEIs) do estado do Amazonas. Nesse sentido, analisamos os formulários de avaliação preenchidos pelos docentes ao final de cada módulo/etapa do curso e das turmas. A abordagem do estudo é qualitativa e buscou, pela análise documental, compreender os desafios e as limitações do trabalho docente, refletindo sobre aspectos do ensino e da aprendizagem. Diante disso, constatou-se que, para os docentes, a Educação Profissional em Saúde voltada aos trabalhadores indígenas possui diferentes complexidades, como a adaptação dos materiais didáticos e da transposição didática aos diferentes ritmos de aprendizagem, assim como a necessária interlocução com o *Ethos* e com as formas de ser, viver e agir dos trabalhadores. Constatou-se também que os docentes compreenderam a importância da

¹ Pós-doutorando em Educação (Universidade de Passo Fundo), Doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia (UFAM) e Professor Adjunto da Universidade Federal do Amazonas – Campus ISB/Coari. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8877-2969> E-mail: salatielrocha@yahoo.com.br

² Mestranda em Enfermagem pelo Programa de Pós-graduação em Enfermagem no Contexto Amazônico, vinculado à Universidade Federal do Amazonas (PPGENF-MP/UFAM). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5117-7944>
E-mail: geycielleo@gmail.com

³ Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia, Mestra em Sociologia, Cientista Social. Professora de Sociologia na Secretaria de Educação do Estado do Amazonas. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2923-2767>. E-mail: professora.mali10@gmail.com



formação em serviço para os trabalhadores indígenas e se reconheceram como docentes-mediadores nesse processo, que deve ser, indiscutivelmente, mais dialógico, inclusivo e justo.

Palavras-chave: Docentes. Qualificação Profissional. Trabalhadores Indígenas.

ABSTRACT:

The main objective of this article is to analyze the perceptions of teachers who participated in a specific training program for Indigenous Health and Sanitation Agents, who work in all Special Indigenous Health Districts (DSEIs) in the state of Amazonas. To this end, we analyzed the evaluation forms filled out by the teachers at the end of each module/stage of the course and classes. The study's approach is qualitative and aimed, through document analysis, to understand the challenges and limitations of teaching, reflecting on aspects of teaching and learning. It was found that for the teachers, Professional Health Education for indigenous workers has different complexities such as the adaptation of teaching materials and didactic transposition to different learning paces, as well as the necessary dialogue with the Ethos and ways of being, living, and acting of the workers. It was also found that the teachers understood the importance of in-service training for indigenous workers and recognized themselves as teacher-mediators in this process, which must undoubtedly be more dialogical, inclusive, and fair.

Keywords: Teachers. Professional. . Qualification. Indigenous Workers

RESUMEN:

Este artículo tiene como principal objetivo analizar las percepciones de los/as docentes que participaron en una formación específica para Agentes Indígenas de Salud y Saneamiento, que actúan como trabajadores en todos los Distritos Especiales de Salud Indígena (DSEIs) del estado de Amazonas. En este sentido, analizamos los formularios de evaluación completados por los docentes al final de cada módulo/etapa del curso y de las clases. El enfoque del estudio es cualitativo y buscó, mediante el análisis documental, comprender los desafíos y las limitaciones del trabajo docente, reflexionando sobre aspectos de la enseñanza y el aprendizaje. Se constató que para los docentes la Educación Profesional en Salud para trabajadores indígenas posee diferentes complejidades, como la adaptación de los materiales didácticos y la transposición didáctica a los diferentes ritmos de aprendizaje, así como la necesaria interlocución con el Ethos y las formas de ser, vivir y actuar de los trabajadores. También se constató que los docentes comprendieron la importancia de la formación



en servicio a los trabajadores indígenas y se reconocieron como docentes-mediadores en este proceso, que debe ser, indiscutiblemente, más dialógico, inclusivo y justo.

Palabras clave: Docentes. Calificación Profesional. Trabajadores Indígenas

INTRODUÇÃO

Para atingir o objetivo analítico deste artigo, partimos dos pressupostos epistemológicos de Paulo Freire. Por meio de tais concepções teóricas, interpretamos as percepções dos/as docentes que trabalharam nos módulos II (Processo de Trabalho do Agente Indígena de Saúde) e III (Ações de Prevenção a Agravos e Doenças e de Recuperação da Saúde dos Povos Indígenas) no Programa de Qualificação de Agentes Indígenas de Saúde (AIS) e Agentes Indígenas de Saneamento (AISAN).

Reconhecemos que a percepção docente quanto ao processo de formação técnica, voltada para os povos indígenas do estado do Amazonas na área de saúde, não diz respeito somente aos trabalhadores em formação, mas, sobretudo às questões pedagógicas e ao papel dos docentes presentes em suas práticas.

Este estudo, de natureza qualitativa, avaliou 32 formulários que continham o olhar dos/as docentes do curso de qualificação dos Agentes Indígenas de Saúde e Saneamento, de todos os Distritos Especiais de Saúde Indígena (DSEIs) do estado do Amazonas, a saber: Vale do Javari, Parintins, Médio Rio Solimões, Médio Rio Purus, Manaus, Alto Rio Solimões e Alto Rio Negro.

Para a avaliação dos formulários, usamos o método interpretativista, partindo dos seguintes elementos: objetivos do curso, o envolvimento da turma com o tema e as questões, o material didático e o processo formativo. Por meio desses, buscou-se verificar de que forma os/as docentes exercitaram seus conhecimentos, seus métodos de aprendizagem aplicados ao cotidiano educacional dos/as discentes, a percepção quanto às experiências de vida dos estudantes e os desafios vivenciados.

AVALIAR O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL INDÍGENA

Quando trazemos para o “palco” do debate a educação e a qualificação profissional no contexto indígena, é necessário, antes de tudo, romper com os estereótipos que colocam esse contexto à margem. Os dados do Censo Demográfico (2022) destacam o Norte como a região que concentra 44,48% da população indígena do Brasil, sendo que o Amazonas possui o maior número de pessoas indígenas, a saber, 490,9 mil. Manaus, por sua vez, é a cidade do Amazonas e do restante do país com maior número de indígenas, sendo 71,7 mil, seguido de São Gabriel da Cachoeira/Am, que possui 34,5mil, onde vivem indígenas de várias etnias.

Destaca-se também que o Norte possui uma população étnica impulsionada pelo fluxo migratório venezuelano. O povo *Warao*, por exemplo, chegou à Amazônia brasileira em busca de uma vida mais digna. Trata-se de um povo “[...] com referência às violações de direitos humanos nas comunidades *Warao* na Venezuela, sobretudo no que toca ao direito à alimentação e à saúde” (Acnur, 2021, p. 09).

Mesmo diante desses números e desse cenário social “quanto à aplicação das legislações específicas referente aos direitos desses sujeitos, seja enquanto indígenas, seja enquanto pessoas refugiadas ou migrantes” (Acnur, 2021, p. 67). A temática Educação e Qualificação Profissional Indígena ainda é um campo de muitos desafios para o sistema educacional brasileiro. Dentre as questões, que não podemos deixar de problematizar, estão os estereótipos atribuídos aos indígenas, negando a eles um sistema educativo que atenda às suas necessidades enquanto cidadãos.

A imaginação fantasiosa ainda permeia o que se pensa e o que se diz sobre os povos autóctones amazônicos. “Trata-se de uma visão que romantiza a vida social na Amazônia, idealizada, sem conflitos, em que a indolência é a principal característica de seus habitantes” (Oliveira; Santos, 2019, p. 28).

É necessário reconhecer que esses indivíduos estabelecem trocas sociais, pois se deslocam, principalmente, para o meio urbano em busca de trabalho, estudos para os filhos, ou seja, por melhores condições de vida. Isso implica enfrentarem sérios

problemas de adaptação, de perda do idioma, dos rituais e da forma de vida comunitária, modificando costumes tradicionais e incorporando estilos urbanos de viver.

A ideia de que esses povos sustentam um modo de vida estritamente tradicional não deve ser considerada, tal como se vivessem de modo estático e congelado. Suas manifestações culturais e sociais expandem-se pelo mundo urbano e vice-versa, assimilando algumas práticas e rejeitando outras. (Fraxe; Witkoski; Miguez, 2009, p. 30).

Essa é uma questão também importante, e quer dizer que os projetos de educação devem levar em consideração tal realidade. Nessa direção, estamos falando de uma visão ainda marcada por um passado euroantropocêntrico, que inviabiliza o entendimento das contradições sociais que a população indígena da Amazônia Legal atravessa. Por exemplo, na década de 1990, os Warao foram culpabilizados pela epidemia de cólera no delta do rio Orinoco; esse problema de saúde foi atribuído aos seus costumes e modos de viver (Acnur, 2021).

É nesse contexto que a educação deve se mostrar um processo formativo emancipatório, pois sem qualificação profissional os indígenas não conseguem emprego fixo, e sem formação escolar começam a desenvolver atividades informais, submetendo-se a baixíssimos salários. Para superar tais problemas, a educação constitui-se uma ferramenta de transformação, no sentido de ser um recurso para a criação de mecanismos que proporcionem a participação de todos os indígenas nos processos de decisão do poder, de modo crítico e consciente.

Diante disso, chamamos a atenção para a cultura como o caminho dialogal na construção de projetos de emancipação social, econômica e política às populações indígenas. Geertz (2008) em sua obra “A interpretação das culturas”, se refere a uma antropologia que concebe os fenômenos culturais como sistemas significativos passíveis de interpretação. O conceito de cultura que este intelectual assume e desenvolve é essencialmente semiótico, acreditando que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, isto é, trata-se de percebê-la [a cultura] como uma teia de significados. Nessa significativa abordagem epistêmica, o

autor assume: “[...] a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativista à procura do significado [...]” (Geertz, 2008, p. 4).

Para este intelectual, cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; a cultura é um contexto, algo dentro do qual esses processos podem ser descritos de forma inteligível, ou seja, descritos com densidade.

A cultura é um ponto central quando falamos em educação como projeto de emancipação política no âmbito indígena, pois esse sistema sociocultural está atravessado de significados multiétnicos. É preciso desvendar seu cotidiano, é necessário considerar o contexto contraditório no qual estão inseridas suas manifestações e práticas culturais. Entender o modo de vida dos grupos sociais que habitam a Amazônia não significa apenas conhecer e descrever a riqueza dos seus recursos naturais, mas, sobretudo, compreender seus vastos territórios. É preciso perceber que, para além da paisagem natural, harmônica e romântica, há paisagens socialmente construídas, repletas de contrastes e contradições (Fraxe; Witkoski; Miguez, 2009).

Os aspectos apontados pelos autores no parágrafo anterior são estruturas significantes, produzidas pelos povos amazônicos em sua interação social com o mundo. Nesse sentido, não podemos considerar que os indígenas são um só; nesses termos, descrever densamente, por exemplo, a história, a arte, e a cultura desses indivíduos é buscar apreender o significado de tais estruturas para avançar nos projetos de educação e de qualificação profissional.

Diante destas considerações, problematiza-se: como deve ser o processo de ensino e aprendizagem voltado para a formação profissional indígena? Para atuar na área de educação profissional indígena, qualquer docente com formação superior pode ministrar as aulas? Como a educação voltada para a formação profissional pode romper com os estereótipos?

Para responder a essas questões, buscamos o caminho das considerações de Paulo Freire, que refletiu criticamente acerca do processo de emancipação política da sociedade brasileira. Nesse sentido, a educação é para esse intelectual um ato político. Freire destaca que esse processo deve ser um exercício emancipatório que transforme politicamente a realidade experienciada.

Partindo desse prisma, a emancipação política dos povos indígenas deve ser “um projeto de todos, construído por todos os cidadãos” (Fraxe; Witkoski; Miguez, 2009, p. 30). Nesse sentido, um dos efeitos práticos desse projeto é articular a formação de profissionais para o sistema de educação indígena, articulando o ambiente acadêmico com a realidade local e suas respectivas culturas étnicas.

No âmbito desse debate, conforme as leituras e pesquisas que realizamos para a construção desse texto sinalizaram a necessidade de transformações na educação básica e superior. Logo, apontamos a perspectiva de integração de ensino e cultura indígena, buscando despertar o interesse em profissionais pelo trabalho nos vários âmbitos das sociedades étnicas do país, visando contribuir com a emancipação social de todos.

O CAMINHO METODOLÓGICO: DELINEAMENTO DA PESQUISA

Trata-se de um estudo assentado na abordagem qualitativa. A análise das percepções dos/as professores/as que trabalharam na formação supracitada se fundamenta na escola antropológica Geertziana. Com base no método interpretativista, apresentaremos uma descrição densa do olhar dos/as docentes, ampliando a compreensão do processo ensino-aprendizagem voltado para a formação técnica em saúde indígena. A descrição densa nas pesquisas qualitativas amplia os horizontes em relação aos dados observados. Isto quer dizer que o/a pesquisador/a deve tornar clara a sua observação.



[...] para aqueles que não participaram da pesquisa, através de uma descrição explícita e sistemática de todos os passos do processo, desde a seleção e definição dos problemas até os resultados finais pelos quais as conclusões foram alcançadas e fundamentadas (Goldenberg, 2004, p. 48-49).

Esse modelo de abordagem é uma análise cultural de cunho hermenêutico; logo, o/a pesquisador/a faz uma descrição profunda das culturas como “textos” vividos, ou seja, como “teias de significados” que devem ser interpretados (Goldenberg, 2004).

Para alcançar essa forma de descrição, a coleta de dados foi feita através de formulários elaborados especificamente para os/as docentes que trabalham nos módulos do Curso Projeto de Qualificação de Agentes de Saúde (AIS) e Agentes Indígenas de Saneamento (AISAN). Dentre os quatro módulos, selecionamos o 1º e o 2º, considerando a temática que os permeiam, a saber: o processo de trabalho em saúde indígena.

Quanto aos formulários, trata-se de um instrumento do curso, o qual é entregue aos docentes no final de cada módulo, momento em que esses podem avaliar o processo educacional em que estavam envolvidos. Nessa linha, analisamos 32 formulários, preenchidos no período de 2018 a 2019.

A análise das respostas foi realizada conforme o conteúdo que configura as perguntas. Desse modo, foi possível fazer o levantamento das percepções quanto aos objetivos do curso, o envolvimento da turma com o tema e as questões, o material didático e o processo formativo.

Além desses elementos, buscaremos descrever como os/as docentes exercitaram seus conhecimentos, seus métodos de aprendizagem aplicados ao cotidiano educacional dos/as discentes e a percepção quanto às experiências de vida dos estudantes.

RESULTADOS ALCANÇADOS



Sabe-se que o/a docente busca se qualificar para melhor organizar o processo de ensino-aprendizagem referente ao componente curricular que trabalha, considerando a complexidade e a dinamicidade desse processo. De acordo com Freire (2011), tal qualificação deve buscar desde sempre o diálogo e a autonomia. São conceitos-chave para um processo que democratiza todas as ações, de maneira que o ato não seja dicotômico e excludente.

É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção (Freire, 2011, p. 12).

Tomando como referência epistemológica a Pedagogia da Autonomia, a educação na área de saúde indígena também exige segurança e competência profissional em relação à criticidade dos estudantes. Isto quer dizer que nesse contexto educacional “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém [...]” (Freire, 2011, p. 12).

O modelo educacional de Freire, aplicado no âmbito indígena, nos levou à constatação de que a interculturalidade é o caminho para a promoção de comunicação entre pessoas de grupos socioculturais diferentes, tendo em vista a interação social e o estímulo de atitudes mais adaptadas ao contexto da diversidade cultural no intuito de diminuir as desigualdades (Gomes; Oliveira; Batista, 2024). Esta reflexão é um desafio também aos docentes que atuam na formação indígena, sobretudo na área de saúde, ou seja, é a possibilidade de dialogar com diferentes realidades socioculturais.

Os formulários selecionados são referentes aos módulos II e III, ambos com carga de 80 horas. Por meio desse instrumento, foi possível registrar as experiências vivenciadas no processo formativo de profissionais formados em diversas áreas do conhecimento, como enfermagem, engenharia civil e pedagogia.

Os docentes do curso foram selecionados através de processo seletivo simplificado. A formação docente foi realizada no período de fevereiro a março de

2018, com carga horária de 40 horas, e contemplando questões administrativas, técnicas e pedagógicas (Monteiro; Gomes, 2019).

Os princípios pedagógicos que orientam o processo de capacitação docente para atuação no Programa de Qualificação de AIS e de AISAN garantiu autonomia na elaboração dos planos de ensino. Logo, os/as professores/as foram capazes de preparar instrumentos para o aperfeiçoamento das práticas pedagógicas desenvolvidas nos módulos ministrados (Monteiro; Gomes, 2019). Sobre isso, uma professora, que trabalhou o Módulo II em Parintins/Am, afirmou em suas observações:

O objetivo do curso foi alcançado através das atividades elaboradas em todo o curso, foram demonstrados resultados satisfatórios para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. Tivemos muito aproveitamento de todos os materiais disponibilizados, através de muita criatividade e esforço da turma, que se mostrou mobilizada e muito participativa (**grifo nosso**).

É possível identificar que os/as professores/as foram capazes de administrar as atividades propostas, de acordo com as singularidades do contexto e a ementa do plano de curso. Nesse sentido, reforçamos que a formação voltada para os/as profissionais da educação que atuam junto aos povos étnicos do Amazonas é primordial, pois fortalece suas escolhas e suas ações pedagógicas.

As respostas às questões do formulário foram classificadas em dois eixos. No primeiro, buscou-se compreender o desenvolvimento do curso a partir de seus objetivos; e, no segundo, a percepção e a vivência dos/as professor/as durante a formação dos AIS e do AISAN.

A descrição encontra-se no Quadro 1:

Quadro 1: Questões do Formulário Docente do Projeto de Qualificação AIS e AISAN

Eixo 1	Como você avalia o alcance dos objetivos do Curso em relação à turma? 1- Os objetivos do curso foram alcançados 2 - A turma se envolveu com as questões apresentadas durante o Curso 3 - O material disponibilizado foi adequado à proposta do curso 4 - A turma se mostrou mobilizado em discutir as temáticas, associando às práticas do dia a dia no trabalho
---------------	---

Eixo 2	Como foi o processo formativo desta turma?
---------------	---

Fonte: Cetam (2018).

No **eixo 1**, sobre os objetivos do curso, os/as docentes tiveram que apontar a articulação realizada por eles com o processo de ensino-aprendizagem na perspectiva da cultura indígena, conforme recomendado nas diretrizes e orientações para a qualificação do AIS e do AISAN. De acordo com os formulários analisados, 97% dos/as docentes afirmaram que os objetivos do curso foram cumpridos, os quais visavam qualificar os agentes indígenas para:

[...] atuarem em equipe, na sua área de abrangência, na perspectiva da promoção, prevenção de agravos e doenças e na recuperação da saúde dos povos indígenas, aplicando os princípios técnico-científicos e éticos, os pressupostos da interculturalidade e da atenção diferenciada à saúde (Brasil, 2018, p. 33).

Ao considerar essa questão, uma professora que atuou na Comunidade Umariáçu I/Alto Rio Solimões/Am, em 2019 trouxe uma importante descrição: “O Programa de Qualificação [...] veio consolidar as conquistas reivindicadas pelos povos indígenas e qualificar as ações de saúde no âmbito do subsistema de saúde indígena”. É possível perceber a concepção democrática da formação, pois essa foi, segundo tal relato, fruto de muitas reivindicações.

A segunda questão nos possibilitou interpretar, como recomenda Geertz (2008), se os/as docentes conduziram suas aulas com base na educação bancária. Observou-se que o envolvimento da turma, segundo a percepção docente, demonstra que a metodologia adotada buscou valorizar a Educação Profissional em Saúde conforme a realidade indígena, mas ao mesmo tempo perceberam-se elementos da concepção bancária, como fica evidente na fala de um dos docentes: “buscou-se ensinar as tecnologias e gerenciamento do Saneamento Ambiental dentro da Política Indígena de Saúde e suas aplicabilidades dentro de um contexto cultural e tradicional de cada etnia presente no grupo”.



Nota-se que o ensinar nesta fala é o mesmo que transmitir conhecimento, reforçando a educação bancária, ainda que se perceba certa valorização dos conhecimentos tradicionais. Com isso, constatamos uma preocupação quanto ao formato pedagógico do ensino que busca qualificar o AIS e o AISAN.

Com o objetivo de verificar como foi o envolvimento dos/as acadêmicos/as no que tange à metodologia ofertada pelo plano de ensino, constatamos um dado importante: segundo o olhar dos/as formadores/as, a participação dos/as estudantes quanto às práticas pedagógicas foi de 100%. Esse dado é uma evidência de que a ação pedagógica dos docentes conciliou teoria e prática, de forma indissociável, primando pela participação do/a estudante e trabalhador indígena nesse processo de formação profissional.

A didática utilizada caracterizou-se como um conjunto de atividades planejadas e interligadas para o envolvimento da turma. A compreensão da etnia na língua portuguesa e o acesso à internet integrou aprendizado com a proposta da temática e facilitou o desenvolvimento durante as práticas do exercício. Os alunos conseguiram vivenciar a situação que era apresentada pelas temáticas executando todos os trabalhos propostos pelo curso e interligando a suas práticas diárias (Avaliação Docente do Projeto de Qualificação AIS e AISAN, 2018-2019).

Cumpra-se aqui um dos objetivos do Projeto de Qualificação AIS e AISAN, a saber, “a adoção do modelo de competência como princípio organizador dos processos educativos” (Brasil, 2018, p. 18). Segundo as Diretrizes e Orientações para a Qualificação do AIS e do AISAN, as competências explicitam que:

[...] as capacidades a que se recorre para a realização de determinadas atividades em determinado contexto técnico-profissional e sociocultural e incorpora três dimensões de saberes: *saber fazer* (habilidades), *saber saber* (conhecimentos) e *saber ser ético profissional* (atitudes e valores) (Brasil, 2018, p. 18).

Isto quer dizer que as ações práticas, organizadas, conforme a citação acima viabilizou o envolvimento dos/as discentes com a temática proposta para a sala de aula. Logo, as competências – *saber-fazer*, *saber-saber* e *saber ser ético profissional* –

são instâncias a serem mais ainda priorizadas, propiciando à comunidade discente indígena um mergulho nas questões do seu contexto. Mas, para envolver os/as estudantes, é necessário um conjunto de instrumentos didáticos para garantir os objetivos da qualificação do AIS e do AISAN. Outra questão a ser apresentada diz respeito à disponibilização e adequação do material didático aos níveis e necessidades de aprendizagens dos trabalhadores em formação.

Apesar do envolvimento das turmas com as propostas pedagógicas organizadas pelos/as docentes, o material didático foi um dos problemas enfrentados. Com isso, 72% afirmaram que o material didático foi adequado aos objetivos do curso e 28% tiveram dificuldade quanto à sua disponibilização. Dentre os problemas, foi indicado que “o material disponibilizado não atendeu inteiramente as necessidades das atividades propostas”, conforme destacou uma docente (Formulário Docente do Projeto de Qualificação AIS e AISAN, 2018-2019).

Outro problema identificado foi a dificuldade de compreensão do material didático, uma vez que alguns estudantes/trabalhadores enfrentaram obstáculos quanto à leitura e a escrita (Formulário Docente do Projeto de Qualificação AIS e AISAN, 2018-2019).

Diante deste cenário, os/as docentes tiveram que construir uma metodologia que amenizasse o problema supracitado, como descreveu uma docente:

[...] houve uma grande barreira enfrentada, a dificuldade da maioria dos alunos para ler e escrever, alguns conseguiam entender o conteúdo, mas não sabiam escrever. Para amenizar foram usadas muitas imagens, cartazes, esquemas e murais que ajudaram bastante na compreensão (Formulário Docente do Projeto de Qualificação AIS e AISAN, 2018-2019).

A docente ainda apontou que “a linguagem utilizada no livro é complexa para eles, e muitas palavras eles desconhecem”, e sugeriu que o material didático contenha “textos traduzidos na língua deles” (Formulário Docente do Projeto de Qualificação AIS e AISAN, 2018-2019).

Portanto, a alfabetização é uma das questões a ser pensada quando se discute projetos de qualificação indígena e este parece ser um dos dilemas que as etnias enfrentam. Desse modo, a qualidade da educação intercultural praticada no dia a dia da formação profissional, almejada comunidade acadêmica, fica comprometida.

Desde sempre a realidade educacional é pauta de debate dos povos indígenas no Brasil. Atualmente, a Educação Profissional e a Superior recebem muitas projeções como um sistema diferenciado e específico voltado inclusive à emancipação social. Nesse sentido, a pergunta “a turma se mostrou mobilizada em discutir as temáticas, associando às práticas do dia a dia no trabalho?” é uma demonstração de que os/as estudantes do nível técnico têm compreendido que o espaço onde estão sendo formados deve ser construído pelo viés intercultural. Ressalta-se, ainda, essa integração nas formações sem serviço.

Os módulos II – Processo de Trabalho do Agente Indígena de Saúde – e III – Ações de Prevenção a Agravos e Doenças e de Recuperação da Saúde dos Povos Indígenas – abordam ações práticas fundamentadas nos direitos e deveres do/a trabalhador/a em saúde e as ações de educação em saúde (Brasil, 2018). Diante dos conteúdos dessas áreas temáticas, 100% dos/as docentes afirmaram que as turmas distribuídas pelos Distritos Especiais de Saúde Indígena (DSEIs) do estado do Amazonas discutiram, problematizaram e contribuíram a partir de suas vivências os temas dos respectivos módulos.

Essa temática III contribuiu muito para o entendimento do AIS quanto a sua importância como profissional de saúde como também seu papel junto à comunidade e principalmente em relação a saúde, alimentação e a nutrição das famílias indígenas. Percebemos também que as temáticas estão interligadas facilitando a compreensão de cada um (Formulário Docente do Projeto de Qualificação AIS e AISAN, 2018-2019).

A percepção acima mostra a valorização de temas que vêm para a sala de aula a partir do cotidiano vivenciado pelos estudantes, inclusive associado às novas Tecnologias de Informação e Comunicação. Para isso, reforçamos mais uma vez que a preparação de docentes que tenham interesse em trabalhar com esse formato de formação profissional deve ser pensada distante do modelo bancário e próxima do

modelo dialógico, pois as atividades pedagógicas no contexto indígena não se restringem à sala de aula, exigindo outras formas de abordagem metodológicas construídas junto com os/as estudantes.

Quanto ao **eixo 2**, os/as docentes compartilharam suas percepções acerca do processo formativo que vivenciaram. Trata-se de profissionais que, segundo as Diretrizes e Orientações para a Qualificação do AIS e AISAN, “[...] deverão possuir qualificação e experiência necessárias e ao desenvolvimento das competências definidas, o que inclui conhecimento na área da saúde indígena e capacitação pedagógica” (Brasil, 2018).

Com base nessa diretriz e no eixo 2, descrevemos alguns aspectos sobre o processo de ensino-aprendizagem, de acordo com as impressões dos/as docentes. O primeiro se refere à valorização da qualificação voltada aos povos indígenas. Nessa dimensão, houve muitos relatos positivos dos docentes, no sentido de se sentirem privilegiados por fazerem parte do referido processo formativo, como enfatizou estas formadoras que trabalharam na Ilha da Duraka/Alto Rio Negro, e no Município de Tefé/Am:

Participar deste processo formativo foi uma experiência valiosa, uma troca de conhecimento e cultura. Este curso, sem dúvida, será um divisor de águas para alinhamento da postura profissional dos agentes indígenas de saúde e saneamento (Formulário Docente do Projeto de Qualificação AIS e AISAN, 2018-2019).

Essa capacitação foi muito importante, pois podemos conhecer diferentes modos de viver de povos diferentes e suas culturas (Formulário Docente do Projeto de Qualificação AIS e AISAN, 2018-2019).

Essas falas indicam que os/as professores/as selecionados para trabalharem na qualificação do AIS e do AISAN se mostraram comprometidos com a proposta do curso, cuja valorização se deu devido à familiaridade com a causa indígena.

Percebemos também um consenso de que os agentes de saúde, ao serem contratados pelas instituições conveniadas, devem ser pessoas oriundas das próprias



comunidades. Contudo, na descrição dos/das docentes, formá-los foi um desafio, principalmente em locais que não oferecem infraestrutura para o trabalho pedagógico.

Um professor que trabalhou no módulo III do curso, no DSEI de Parintins/Am, caracterizou os/as discentes através da tipologia que ele chamou de “perfil de aprendizagem”. Trata-se de uma percepção vinculada ao seu trabalho pedagógico. Nesse caso, o docente relatou em seu formulário a seguinte perspectiva:

Em sua grande maioria, os estudantes AISAN eram pessoas alegres e expansivas, com grande senso de humor. Enquete feita entre eles indicou que sua formação acadêmica média não ultrapassa o ensino fundamental. Maior parte deles compreendia a língua portuguesa, mas muitos relataram estarem mais confortáveis em expressar e ouvir em suas línguas maternas. Daí se observar que muitos faziam o papel de tradutores para facilitar a aprendizagem de seus colegas. Também se observou que possuíam um menor apreço ao que denominavam por “ensino teórico”, possivelmente por maior dificuldade em leitura de textos longos. Ao contrário, nas atividades que envolviam uma participação mais direta e ativa, ou de indivíduos ou de grupos, ao que denominavam de “ensino prático”, se percebia uma maior motivação e interesse por parte dos estudantes AISAN. De modo geral manifestaram disposição para aprender mais conteúdos que possam ser efetivamente implantados em suas comunidades. Entre estes conteúdos podem ser citados os sistemas de backup para captação de água, os sistemas ecológicos para tratamento de esgotos, a produção de componentes construtivos em solo-cimento tais como blocos e telhas, e a execução de construções com estes componentes. Também manifestaram interesse em maior aprendizagem em relação às formas de organização mais participativas. Foram discutidos os centros comunitários e as cooperativas econômicas (Formulário Docente do Projeto de Qualificação AIS e AISAN, 2018-2019).

Observa-se que a percepção docente acerca do ensino aprendizagem perpassa pelo perfil pessoal dos/as estudantes. A descrição acima deixa claro que os/as alunos eram cordiais, comunicativos, dedicados/as às atividades pedagógicas, logo, não demonstravam tristeza em seus rostos, estavam sempre sorrindo, mesmo com as dificuldades que enfrentavam para chegar aos locais de estudos.

Outro elemento se refere à infraestrutura acadêmica, pois para os/as professores/as, a gestão educacional deve considerar os espaços onde as aulas

acontecem, atendendo às especificidades étnicas; por exemplo, o local para as redes de descanso e a cozinha coletiva, onde os/as estudantes possam cozinhar seus próprios alimentos, algumas vezes trazidos de suas comunidades.

Um dos desafios descritos pelos/as docentes faz referência à garantia de uma formação técnica pautada pelo bilinguismo. Este é um trabalho complexo, “que tem encontrado soluções muito diferentes em várias localidades do País, e para a qual não há um único modelo a ser adotado, haja vista a extrema heterogeneidade e diversidade de situações sociolinguísticas” (Grupioni, 2003, p. 13).

Segundo os/as docentes, a maioria dos estudantes compreendia a Língua Portuguesa, mas afirmava que durante o curso se sentiam mais confortáveis em falar e ouvir suas línguas maternas, por isso, foi necessário que alguns discentes exercessem também o papel de tradutores para facilitar o entendimento dos assuntos. Outro discente reforçou: “na turma, tive alunos que não falavam e compreendiam totalmente o português e outros não eram alfabetizados. Essa especificidade da turma foi um desafio no processo de ensino e aprendizagem [...]” (Formulário Docente do Projeto de Qualificação AIS e AISAN, 2018-2019).

Os temas trabalhados em sala de aula e o envolvimento dos/as estudantes foi um dos aspectos mencionados pelos/as docentes. Quando estes/estas buscavam “simplificar” através de exemplos os conteúdos propostos com as práticas cotidianas, os/as discentes se mostravam mais empenhados. Essa percepção é uma demonstração de que a formação profissional indígena focada somente na transmissão do “ensino teórico e unicamente verbal” não ganhou muita adesão entre os/as AIS e AISAN em formação, logo, são os próprios indígenas que buscam a valorização do diálogo e sua emancipação crítica através de uma aprendizagem que possa ter efeitos em suas vidas, famílias e coletividade.

Conforme a percepção docente era difícil para o/a discente indígena compreender os conhecimentos técnicos apresentados de forma escrita, pois esses pareciam distantes dos níveis existentes de aprendizagem formal. Coube aos docentes

fazerem relações com a cultura étnica, dando sentido ao aprendizado e adaptando a forma de transposição didática.

Para os/as docentes, vivenciar essa experiência lhes trouxe novas concepções sobre educação, pois foram desafiados a adotar um sistema didático construído coletivamente – estudantes e professores –, aprendendo novas formas de abordagem pedagógica. Tiveram que estar mais atentos/as ao modelo de ensino-aprendizagem proposto pelo curso, pelas teorias ou pelas abordagens didáticas. Diante disso, o olhar docente se diluiu no sentimento desafiador, e, nesse processo, os professores descobriram novas epistemologias, teorias e abordagens pedagógicas e didáticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessas considerações, acreditamos que o olhar dos/as profissionais que trabalharam no Projeto de Qualificação de Agentes Indígenas de Saúde (AIS) e Agentes Indígenas de Saneamento (AISAN) foi fundamental para que a temática Educação e Qualificação Profissional Indígena fossem problematizadas neste artigo.

Desse modo, apontamos, conforme as distintas percepções dos docentes, a defesa de uma educação capaz de promover a formação técnica do/a trabalhador indígena na área de saúde, considerando o processo cooperativo e valorizando os lugares de aprendizagem, a singularidade dos povos, sobretudo quanto à alimentação e local de estadia durante as aulas. A aprendizagem torna-se ainda mais potente quando é significativa, interdisciplinar e colaborativa!

No contexto amazonense, os/as docentes sinalizaram um modelo pedagógico pautado no ensino dos conteúdos científico-teóricos, mas de modo a desenvolver o senso crítico-analítico dos/as estudantes atrelados às suas vivências práticas, cotidianas e expectativas em relação ao futuro de suas comunidades.

Para atingir o objetivo do curso de qualificação profissional analisado, os/as professores trabalharam buscando o engajamento dos/as estudantes, os quais responderam positivamente. No entanto, desenvolver os módulos II e III, que abordam



a temática trabalho em saúde indígena, mostrou-se um campo de muitos esforços para os/as docentes que se propuseram a trabalhá-los, pois essas áreas temáticas exigem que os/as estudantes, ainda que sejam trabalhadores, conheçam os sistemas de informação em saúde, ações de prevenção a doenças e agravos. Identificaram-se muitas fragilidades nessas dimensões que refletem e contextualizam os processos de trabalho em saúde.

Foi possível constatar também, mediante as percepções dos docentes, o predomínio das competências e habilidades técnicas em relação às competências socioemocionais. Pouco se mencionou sobre as atitudes, valores, emoções e comportamentos necessários para a atuação dos agentes indígenas em suas atividades profissionais, inclusive sendo este elemento um fator importante na reformulação das Diretrizes Curriculares do programa de qualificação estudado, assim como do Projeto Pedagógico do Curso. Não obstante, tais competências socioemocionais estão sendo inseridas no contexto da Educação Profissional e Tecnológica de maneira muito tímida. É um processo de ruptura com um modelo que historicamente é muito forte, neoliberal, tecnicista e dualista. Cabe aqui este apontamento, ainda que óbvio: que a formação de trabalhadores precisa considerar a onilateralidade e as diferentes formas de ser, sentir e atuar na sociedade.

REFERÊNCIAS

ACNUR. Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. **Os Warao no Brasil:** contribuições para a proteção de indígenas refugiados e migrantes. ACNUR, 2021. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2021/04/WEB-Os-Warao-no-Brasil.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação na Saúde. **Agente Indígena de Saúde e Agente Indígena de Saneamento:** diretrizes e orientações para a qualificação. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

IBGE. **Censo Demográfico 2022:** Indígenas – Primeiros Resultados do Universo. 2022. Disponível em: [---

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-</p></div><div data-bbox=)

de-noticias/noticias/37565-brasil-tem-1-7-milhao-de-indigenas-e-mais-da-metade-deles-vive-na-amazonia-legal. Acesso em: 15 mar. 2024.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto Fraxe; WITKOSKI, Antônio Carlos; MIGUEZ, Samia Feitosa. O Ser da Amazônia: identidade e invisibilidade. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 61, n. 3, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2005.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOLDENBERG, Mírian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOMES, Salatiel da Rocha; OLIVEIRA, Liliane Costa de; BATISTA, Geycielle de Oliveira (orgs.). **Vivenciando a interculturalidade na formação técnica e profissional no contexto indígena**. São Paulo: Embu das Artes/Alexa Cultural, 2024.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. Experiências e Desafios na Formação de Professores Indígenas no Brasil. **Em Aberto**, Brasília, v. 20, n. 76, p. 13-18, fev. 2003.

MONTEIRO, Cláudia Guerra; GOMES, Salatiel da Rocha. **Programa de Qualificação de Agentes Indígenas de Saúde e de Saneamento (AIS/AISAN): formação Docente nos ecossistemas comunicacionais no Amazonas**. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/>. Acesso em: 20 abr. 2024.

OLIVEIRA, Liliane Costa de; SOUZA, Fanuel Santos de. Amazônia: construção de uma ideia exótica. *In*: OLIVEIRA, Liliane Costa de; ZEFERINO, Viviane de Oliveira Lima; PINHEIRO, Israel (orgs.). **Amazônia: prospecção de múltiplas lentes**. São Paulo/Manaus: Edua/Alexa Cultural, 2019.

Data da submissão: 20/09/2024

Data do aceite: 27/10/2024